

EDUCAÇÃO E ARTE NA REDUÇÃO MISSIONEIRA DE SAN IGNACIO MINÍ

Graciela Ormezzano

Universidade de Passo Fundo - Brasil



Resumo

Esta investigação trata da arte nos processos educativos introduzidos pelos je-suítas junto aos índios guaranis. Objetiva-se descrever o espaço e a produção artística da redução de San Ignacio Miní e interpretar os modos educacionais dos europeus e sua influência na população autóctone, entre 1611 e 1768. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que utiliza também fontes primárias embasadas na documentação já publicada e fotografias. Optou-se por uma abordagem qualitativa, seguindo o método histórico-antropológico descritivo de um grupo populacional assentado numa determinada redução e discute-se as relações educacionais entre ambas as culturas. Nesse sentido, são apontadas as diferenças culturais e o que pode ser compreendido como suas possibilidades de mixagem.

Palavras-chave: arte, educação, missões.

EDUCATION AND ART IN THE MISSION OF SAN IGNACIO MINÍ

Abstract

This research is about art in Jesuitical educative process with guaranis indians in the missions. The objective is to describe the space and the artistic production in San Ignacio Miní and to interpret the educational ways of Europeans and their influence in autochthons, between 1611 and 1768. This is a bibliographic research that uses also published primary fountains and photographs. It's a qualitative study that follows the historic-anthropologic method that describe a group of people living in a determinate mission and talks about educational relations between both cultures and possibilities of fusion.

Key-words: art, education, missions.

EDUCACION Y ARTE EN LA REDUCCION MISIONERA DE SAN IGNACIO MINÍ

Resumen

Esta investigación trata del arte en los procesos educativos introducidos por los jesuitas entre los indios guaraníes. El estudio objetiva describir el espacio y la producción artística de la reducción de San Ignacio Miní e interpretar las modalidades educacionales de los europeos y su influencia en la población autóctona, entre 1611 y 1768. Es una investigación bibliográfica que utiliza también fuentes primarias con base en la documentación ya publicada y fotografías. Se eligió un

abordaje cualitativo, siguiendo el método histórico-antropológico descriptivo de una población asentada en una determinada reducción y se discuten las relaciones educacionales entre ambas culturas. Son consideradas las diferencias culturales y sus posibilidades de fusión.

Palabras-clave: arte, educación, misiones.

ÉDUCATION ET ART DANS LA RÉDUCTION DE SAN IGNACIO MINÍ

Resumé

Cette recherche traite de l'art dans les processus éducatifs introduits par les jésuites avec les guaranis. L'objectif est décrire l'espace et la production artistique de la réduction de San Ignacio Miní et interpréter les manières scolaires des européens et son influence dans la population autochtone, entre 1611 et 1768. C'est une recherche bibliographique qu'il utilise des sources primaires basées dans la documentation déjà publiée et des photographies, avec approche qualitative, à la suite de la description historique et anthropologique d'un groupe assis dans une réduction de la population donnée et examine les relations éducatives entre les deux cultures. En ce sens, sont indiqués dans le texte et les différences culturelles qui peuvent être compris comme leur capacité à mélanger.

Mots-clés: art, éducation, missions.

Introdução

Esta investigação trata da arte nos processos educativos introduzidos pelos jesuítas ao utilizar metodologias específicas com o propósito de atingir determinados objetivos pedagógicos junto aos guaranis.

Dos Trinta Povos Missioneiros que constituíam a Província Guaranítica do Paraguai, sete se encontram no que hoje é o Brasil, oito no Paraguai e quinze em território argentino. Optou-se por realizar a investigação na missão de San Ignacio Miní, por estar em melhor estado de conservação e ter sido declarada Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, assim como São Miguel Arcanjo, no Brasil.

Missões era o nome dado aos projetos catequizadores de índios pelos seguidores de Inácio de Loyola que, em razão da Contra-Reforma da Igreja, chegaram à América e organizaram as reduções, nas quais difundiram a formação do espírito cristão. Isso posto, objetiva-se descrever o espaço e a produção artística da redução de San Ignacio Miní e interpretar os modos educacionais dos europeus e sua influência sobre a população autóctone, no período compreendido entre a fundação, em 1611, no Território do Guayrá, atual Estado do Paraná, Brasil, e o desterro dos jesuítas em 1768.

Destacam-se, nesse texto, os indígenas, que constituíram as populações da família linguística tupi-guarani, originária da região Amazônica há cerca de três mil anos, as quais, quando da chegada dos europeus, ocupavam parte das regiões Sudeste e Sul do

Brasil, parte de Paraguai, Argentina e Uruguai, e os padres pertencentes à ordem jesuítica fundada pelo militar espanhol Inácio de Loyola (1491-1556), com o objetivo de consagrar-se à educação da juventude, seguindo os princípios cristãos, com rígida disciplina e culto de obediência a todos os componentes da ordem.

Os padres José Cataldino e Simon Maseta foram os fundadores de San Ignacio Miní, o mais antigo dos povoados missioneiros instalados em terras argentinas. É preciso esclarecer que em 1632 esta redução foi transferida das margens do rio Paranapanema, um dos maiores afluentes do Paraná, para um local mais seguro, sobre o arroio Yabebirí, na atual Provincia de Misiones, Argentina, onde permaneceu até 11 de junho de 1696, data em que se assentou definitivamente onde se encontram hoje suas ruínas: “legua y media más arriba de donde antes estaba, y como a tres leguas del Paraná, en una región de suaves lomas y de abundantes riachos” (Furlong, 1962, p. 159).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que utiliza também fontes primárias embasadas na documentação já publicada e fotografias. Optou-se por uma abordagem qualitativa, seguindo o método histórico-antropológico descritivo de um grupo populacional assentado numa determinada redução, a de San Ignacio Miní, e abordam-se as relações educacionais entre a cultura europeia e a sul-americana autóctone.

De acordo com Ginzburg,

só através do conceito de cultura primitiva é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como camadas inferiores dos povos civilizados possuíam cultura.” (2006, p. 12).

Este conceito pode ser também abordado no que diz respeito ao primitivismo da cultura referida, uma vez que, segundo o autor, os termos do problema mudam radicalmente diante da proposta de compreender a cultura produzida pelas classes populares e a cultura imposta às classes populares. Nesse sentido, são apontadas no texto as diferenças entre ambas as culturas e o que pode ser compreendido como suas possibilidades de mixagem.

O espaço da redução

San Ignacio Miní era um espaço urbano em meio à mata. A categoria de espaço é fundamento básico social e define a idéia que a sociedade faz de si mesma. Como as noções de arquitetura e urbanização foram oferecidas aos guaranis pelos jesuítas e

estavam alicerçadas nos valores cristãos, os critérios de inserção espacial orientaram-se por parâmetros europeus. De acordo com Maldí,

no imaginário do colonizador, o índio era o habitante de um espaço indefinível, incompreensível, flutuante e, sobretudo, nebuloso. O projeto colonizador foi, antes de mais nada, o de transformar o espaço desconhecido em território plausível, a partir dos códigos culturais europeus. (1997, 189)

A estrutura espacial que caracterizava os trinta povos das missões foi, direta ou indiretamente, idéia do padre Sepp, ao conjugar as tendências urbanísticas do Renascimento e do Barroco com os materiais do local:

Cada aldeia tem uma linda igreja grande, uma torre com quatro ou cinco sinos, um ou dois órgãos, um altar-mor ricamente dourado. Além disso, há várias imagens, pintadas exclusivamente pelos índios, e que não são lá tão más. (Sepp, 1943, p. 122)

No centro espacial situava-se a praça quadrada e, no lado Sul, a igreja. Numa lateral, a casa dos jesuítas, com dois pátios, em cujos claustros se encontravam a escola e as oficinas, na outra, o cemitério e o hospital. A praça estava rodeada pelas casas dos índios, que mantinham a estrutura quadrangular romana dividindo o espaço em ruas retilíneas. No Leste, atrás das moradias, encontrava-se o cárcere. No Nordeste da missão, entre as vivendas indígenas, havia uma pousada. No Norte, no lado oposto ao da igreja, duas capelas flanqueavam a entrada da redução. A população de San Ignacio Miní foi flutuante por causa do crescimento demográfico, da peste e expulsão dos jesuítas, atingindo o máximo de, aproximadamente, quatro mil pessoas.

O espaço comunitário religioso da praça sediou a organização das celebrações em detrimento do uso espacial indiscriminado comum anteriormente nas aldeias guaranis. Segundo as *Cartas anuas* de 1641, quando foi celebrado o primeiro centenário da fundação da Companhia de Jesus,

antes de la Misa se pusieron en buen orden cuatro compañías de soldados, cada una con su Capitán y arcabuces. Delante de cada Capitán iba un paje que le llevaba la pica y delante de cada arcabucero un rodlero, haciendo un alarde muy vistoso; pero entre todos sobresalieron los soldados de San Joseph, que iban todos talqueados en vestidos, morriones y rodela que parecían unos soles según el talco brillaba. Caminaban siempre delante de la procesión, marchando con grande orden, sin perder ninguno sus hileras, haciendo ya sus caracoles, escaramusas y encuentros, donde el lugar permitía hacerlos comodamente, y hacían a veces su salva a la procesión. (Furlong, 1962, p. 160-162)

E, mais adiante, nas *Cartas anuas*, ainda consta:

Los Indios de S. Ignacio hicieron (entre otras) una danza muy ingeniosa de letras en escudos, los cuales, en varios encuentros y lazos, venían a formar el nombre de S. Ignacio. (Furlong, 1962, p. 164)

A igreja de São Ignácio foi um símbolo de fé e beleza. Suas três naves totalizavam 24m de largura por 70m de comprimento, mais uma ab-side de, aproximadamente, 10,6m por 9,5m de profundidade. No interior, as três naves albergavam altares ricamente decorados, colunas talhadas com anjos e vides. A abside tinha pintura e douramento. A igreja não possuía átrio coberto e, pelo que ainda é possível observar da fachada, era ornamentada com pilastras que hierarquizavam as três portas. No inventário realizado em agosto de 1768, durante a expulsão dos jesuítas, constam seis altares, capela de batismo, esculturas, pinturas e vários utensílios do serviço eclesiástico em prata, dourados, esmaltes e pedras semipreciosas (Furlong, 1962).

Não se sabe quando começou a ser construída, mas a conclusão foi encomendada ao irmão Brasanelli, em razão dos seus conhecimentos em escultura e arquitetura, em 1724. Tampouco se conhece quem a concluiu, uma vez que este arquiteto faleceu quatro anos após a encomenda. A pedra utilizada era uma espécie de basalto ou grês. A falta de aglomerantes obrigava a que a estrutura do prédio fosse uma composição de madeira e blocos justapostos de pedra, característica desta construção (Paula, 1993).

Na escola e nas habitações dos padres podem-se observar salas completas, com aberturas que outrora possuíam portas e janelas, uma galeria externa na parte traseira da construção, com uma escada talhada em pedra que permitia acessar o pomar e a horta, outra galeria na frente das habitações conduzia ao pátio da escola. Pisos originais, com diversos formatos e desenhos, são ainda apreciáveis dentro das salas e nos espaços ocupados pela biblioteca, cozinha e refeitório. Das oficinas, arsenais e armazéns existem os remanescentes de umas três ou quatro fileiras de pedra, os quais permitem perceber a estrutura da planta com o pátio central e algumas paredes quase completamente derruídas.

Os párocos eram sepultados dentro da igreja. O cemitério era utilizado pelos índios e dividia-se por uma cruz central em quatro partes: meninas, meninos, homens e mulheres. Na parte posterior do cemitério se encontravam o hospital e, provavelmente, a *cotiguaçú* ou casa de mulheres sós, embora não haja referências explícitas no sítio arqueológico sobre o local em que se encontrava esta casa. Contudo, na maior parte das reduções esta vivenda estava localizada junto ou próxima ao cemitério. Sabe-se que o *Memorial*

Provincial, de 1714, dispunha sobre a construção de uma casa de pedra para recolher as viúvas, casadas cujos maridos tinham fugido, solteiras e órfãs, tendo como porteira uma anciã (Furlong, 1962).

As moradias dos guaranis eram habitações de um cômodo, onde as famílias foram isoladas para combater a poligamia. Inicialmente, as casas eram de barro, com teto de palha e sem janelas. Depois, mudaram-se as determinações sobre as construções e outros materiais passaram a ser utilizados. O *Memorial provincial*, antes citado, ordenava:

Las casas que se hicieren de nuevo para los indios serán en los cimientos, y tres cuartas, o una vara de ellas de piedra, lo demás de adobes. Y no de tapia francesa, que no dura, y esta duración es a lo que principalmente se ha de atender. Quítese cuanto antes la paja con que están algunas casas de los Indios cubiertas, y se pondrán de teja para que no suceda alguna quemazón que se puede temer. Y para que esto se pueda ejecutar encargo se acaben de perfeccionar los hornos de teja. (Furlong, 1962, p. 167)

Sobre o cárcere, consta em documento de 1715, redigido pelo governador do Paraguai, Juan Gregório Bazán de Pedrasa, que após as costumeiras formalidades, passou a inspecionar a missão:

Visitó un cuarto que sirve de calabozo en el cual tienen un cepo y grillos y se hallaron cuatro indios y dos muchachos por hurto que hicieron al almacén del pueblo, dando razón el corregidor que parte de dicho hurto pareció en poder de ellos y se restituyó, que por lo que falta están presos, mandó Su Señoría que, hasta que pareciese todo, prosiguiesen en su prisión, y que a los dichos indios gandules se les dé a veinticinco azotes, y a los muchachos, a doce, después de restituirlo todo, por ser alhajas de la iglesia las que hurtaron. (Furlong, 1962, p. 164).

A pousada servia para serem recebidos hóspedes e mercadorias. Os intercâmbios se realizavam unicamente na presença dos jesuítas, para que os forasteiros não tentassem enganar os guaranis. De acordo com Oliveira (2004), as *Leyes de indias* previam que o estrangeiro abandonasse o local antes do terceiro dia para evitar um contato prolongado, que poderia ensinar maus costumes.

O espaço da redução sofreu perdas materiais e espirituais por conta das pressões externas provenientes do império português e da sociedade hispano-americana, as quais precipitaram a queda de todo o conjunto de reduções a partir do Tratado de Madrid (1750) até a expulsão final dos jesuítas, interrompendo o ciclo das missões na Província Jesuítica do Paraguai (Kern, 1982). Os padres da Ordem de Santo Domingo sucederam os jesuítas em San Ignacio Miní, de 1768 a 1791.

A partir de 1815, o índio conhecido como Andresito, a mando de Artigas, caudilho da Banda Oriental, dominava esta redução, que foi incendiada pelo ditador Francia dois anos depois. Segundo o mesmo autor, até 1846 os indígenas continuavam morando junto aos restos arquitetônicos da antiga missão.

Os motivos que levaram os indígenas a essa atitude se desconhecem, mas é preciso considerar que, uma vez estabelecidos nesse território geográfico por 157 anos, provavelmente esse fenômeno lhes permitiu construir uma relação entre a materialidade, a natureza e a cultura que ali se estabeleceu.

Processos pedagógicos e arte

Com a instalação das reduções jesuíticas, a sociedade guarani precisou assumir um tempo linear em lugar de cíclico, sincretizar a doutrina católica e suas crenças milenares, incorporar hábitos e costumes pautados por uma moral cristã em detrimento de seu *éthos*. Assim, o processo de interculturalidade pautado pelas relações políticas e pedagógicas exercidas pelos padres em sua missão evangelizadora, provocou profundas transformações culturais, educacionais e artísticas.

A pedagogia da Companhia de Jesus tem sofrido duras críticas, apesar de ter sido reformulada através dos tempos, por tentar suprimir a originalidade de pensamento e comandar a invasão cultural colonialista européia no mundo. As instituições educacionais jesuíticas foram reconhecidas por sua excelência nas missões e o rei prescreveu escola de primeiras letras aos povos indígenas. Assim, na redução de San Ignacio Miní, se estabeleceu uma escola que, em 1617, tinha 450 alunos (Furlong, 1962).

Da fusão de guaranis e jesuítas surgiram uma urbanização e uma arquitetura religiosa geométrica específica da redução, que favorecia a educação separada de meninas e meninos. Os jesuítas se guiaram pelos modelos rurais medievais de implantação do cristianismo,

adaptando-os aos pueblos de índios americanos, fundados igualmente no deserto do mundo pagão. Os planos geométricos e racionais das missões jesuítico-Guarani guardam a idéia de ordem e de centralização social em torno da igreja, como já previra o plano beneditino me-dieval. (Kern, 2007, p. 7-8)

Nos claustros educacionais seguia-se a divisão entre artes liberais e artes servis. É possível ver em San Ignacio Miní parte das salas de aula onde se ensinavam as artes liberais. Os missionários chegaram a ensinar latim para os filhos dos caciques e outros notáveis, mas sempre a conversão ao catolicismo era o objetivo maior. Na escola

preparavam-se os dirigentes dos setores de artesanato, de administração dos bens comuns e de direção política do Cabildo. Esta modalidade educacional selecionava a elite indígena e era uma honra para os caciques ver seus filhos sendo educados pelos missionários:

Os indígenas não optaram livremente por todos os valores da sociedade ocidental europeia que os jesuítas representavam. Para alguns destes traços culturais, como a tecnologia do ferro, por exemplo, houve uma transmissão desejada pelos índios. Mas outros valores foram transmitidos de maneira autoritária, por decisões que se transformaram em obrigações, como é o caso da aceitação da vassalagem ao monarca espanhol, do pagamento do tributo ou da instalação do Cabildo segundo o modelo espanhol. [...] Este autoritarismo, exercido não apenas no plano político como nos demais setores da cultura, também não se efetuou através do emprego da força por parte do missionário, da mesma maneira que o autoritarismo que se desenvolve na família, nos grupos de amigos, nas organizações econômicas, educativas e mesmo religiosas. (Kern, 1982, p. 99)

Ler, contar, escrever e rezar não seriam atividades do agrado dos pequenos indígenas, mas essa tristeza era suavizada pelas lições de canto e música ministradas aos filhos dos caciques e cabildantes ou aos mais bem dotados para compor o coro. A música integrava as estratégias educativas dos jesuítas porque se dava primazia ao ouvido, apesar de se pensar que distraia os outros sentidos. Aos poucos foi sendo incorporada porque, com o canto, houve uma integração do estilo católico de ladainha com as modalidades de canto indígena.

Os missionários serviram-se dessa integração musical e das danças religiosas para atrair os nativos ao cristianismo. As toadas monótonas da música e da dança guarani foram adaptadas pelos jesuítas para as festas do divino Espírito Santo, para solicitar as bênçãos de Jesus e da Virgem Maria. Ao celebrar as festas, a doutrina de San Ignacio Miní correspondia-se com as de *Loreto* e *Corpus*, mas não com outras (Martins, 2006).

Nas cerimônias reforçavam-se certos comportamentos desejados em relação ao controle do corpo e à disciplina e, também, à luta entre o bem e o mal. A *mise en scène* dos líderes religiosos era espetacular, pois as vestes, os instrumentos musicais, a cruz, a procissão, os cânticos e as imagens exerciam uma impressão estética sem par na população autóctone. Constam, no inventário de 1768 de San Ignacio Miní, todos os instrumentos que havia na sala de música, vestidos de cabildantes e dançantes, chapéus e turbantes, roupas de anjo e meias de seda (Furlong, 1962).

Numa descrição de Pedro de Oñate, em 1617, a realização do primeiro cortejo eucarístico de São Ignácio pelas ruas possuía

más luz delos misterios de nra Santa fe y averseles tratado diversas veces de la dignidade del santiss.o sacramento jusgamos conveniente sacar este santiss.o tesoro de la iglesia y llevarle en procession el dia de su santíssima festividad para que com su diuina presencia santificasse el pueblo y las calles, y deribase con su presencia los Dragones de sus vicios e supersticiones. (Martins, 2006, p. 201)

Os jesuítas tornaram-se os doutores da Igreja e, desde os primeiros tempos, começaram a dar ênfase à educação, considerando a importância que a arte tinha no processo comunicacional com os nativos. A arte das Missões não tinha como objetivo a fruição estética, mas a formação moral. Estava diretamente vinculada ao serviço da catequese. A pintura e a escultura preenchiam a dupla necessidade de prover os templos de imagens, que auxiliavam os que não sabiam ler a entender os valores dos retratados e, ao mesmo tempo, satisfaziam à exigência pedagógica da Ordem na iniciação das artes manuais (Trevisan, 1999).

Nas oficinas se ensinavam as artes servis, que eram dirigidas às crianças e jovens que não faziam parte da elite e tinham aptidão para o trabalho com as mãos. Ficavam em volta de outro pátio-claustro e eram coordenadas por índios responsáveis pelo trabalho desenvolvido nas oficinas, denominados alcaides, que instruía em atividades como desenho, pintura, escultura, arquitetura, agricultura e diversas técnicas artesanais.

Os jesuítas trouxeram da Europa grandes mestres em diversos ofícios e conseguiram formar excelentes discípulos. Assim, o artesanato tinha um espaço garantido na produção de sinos, prataria, douramento, cerâmica, marcenaria, tecelagem, artigos de couro, roupas, bordados, rendas e outros produtos.

Dos seis aos doze anos podia-se aprender as artes mecânicas ou as artísticas, porque tinham abertas as portas das oficinas. Dos doze aos cinqüenta anos, todos os guarani deveriam ter uma profissão, escolhida por eles e seguindo suas inclinações. O trabalho durava de seis ou sete horas por dia e fazia parte do método de educação popular para combater a preguiça (Furlong, 1962).

Com a implantação das reduções, os jesuítas puderam agir, em maior ou menor grau, sobre as crianças e os adultos indígenas, inculcando-lhes novos valores e papéis diretivos na organização político-religiosa, no que os caciques foram aliados importantes. Se, por um lado, a religião cristã entrava em contato com a dos guaranis, por meio da idéia de paraíso e da preponderância do curador e feiticeiro, por outro, existiam diferenças que dificultavam a conversão (Kern, 1982).

Depois do sentido da audição, muito vivo no século 16, seguindo a hierarquia das sensações no campo educacional, considerava-se o tato e, em terceiro lugar, a visão, que no século 17 assumiu bastante importância no projeto pastoral cristão (Bortolini, 2003). Talvez tenha sido essa mudança que provocou a enorme produção de imagens escultóricas e pictóricas nas reduções. Aos poucos, os padrões da cultura europeia predominaram sobre a tradição tribal guarani, influenciando a religião, a política e colocaram os indígenas numa situação de falta de liberdade, de cópia, de repressão imaginativa.

Os mestres em artes da Companhia precisavam comunicar-se com os índios para educá-los e se utilizavam das influências artísticas de seus países de origem para tal fim. Nas Missões, os indígenas se destacaram como copiadores das técnicas e da iconografia ensinada pelos padres, porém, isso não significa que não tivessem criatividade para realizar suas próprias obras. O ofício de escultor era uma condição xamânica que evocava na matéria a figura de um poder superior, capaz de produzir nos contempladores a experiência do assombro, do sagrado, do contato com a força de Tupã. Sustersic escreve:

El hacedor de santos ejercía sus ritos y hechizos sobre la madera, sobre la roca, o mediante los colores sobre el estuco y la tela. Todas las imágenes que dejó la cultura misionera muestran ese proceso de ritualización del lenguaje plástico, pictórico o escultórico. Poco importaba que fueran barrocos, renacentistas o de otro estilo sus modelos, él estilizaba la materia hasta lograr una imagen ritualizada que no se proponía, como el arte europeo, imitar la naturaleza sin superarla para alcanzar el mundo del asombro y del poder. (1993, p. 159)

A obra artística, que possuía finalidade evangelizadora, permitia que o espírito cristão e a simbologia transmitida pelas imagens fossem facilmente compreendidos pelos guaranis atingindo, assim, os objetivos dos evangelizadores. A escultura e a pintura de San Ignacio Miní foram semelhantes ao conjunto dos outros povos. Caracterizaram-se por ter uma predominância da temática religiosa dos missionários e seus discípulos, que reproduziam os modelos europeus, resultando numa arte híbrida que possuía também características guaranis, como a fisionomia indígena, a frontalidade e o esquematismo, indicando a interferência da cultura autóctone no modelo importado da Europa.

As pinturas produzidas foram em número muito menor do que as esculturas e muito poucas foram conservadas. No museu de São Ignácio as pinturas e as esculturas do acervo, expostas em julho de 2009, retratavam San Ignacio de Loyola, San Ambrosio, San Agustín e San Juan Bautista. Também fazem parte da coleção um fragmento de coluna talhada em madeira, um violino, alguns instrumentos de sopro, uma matraca de

procissão, uma cruz de metal, objetos de cerâmica e vidro, um relógio de sol e uma fonte de água talhados em pedra.

A maior parte das imagens foi talhada em madeira de cedro, com acabamento de policromia e algumas com douramento. Apresentavam cavidade dorsal e articulações em cabeça e membros. Ao observar as esculturas expostas em San Ignacio Miní, no Museu das Missões em São Miguel Arcanjo ou noutros acervos missioneiros, constata-se a existência de uma importante coleção pública de esculturas sacras, mas é preciso ter em conta que nem todas as peças expostas pertenceram aos locais em que se encontram.

É um problema para os pesquisadores que as obras remanescentes das Missões não possuam local, data nem autoria. Contudo, os baixo-relevos que ornamentam o portal e emolduram a entrada da sacristia são produções atribuídas a Brasanelli, tanto pelo tratamento dos panos como pelos rostos juvenis dos anjos semelhantes aos de Bernini. São peças esculpidas ao modo barroco, mas com efeitos missioneiros. Os documentos da época mencionam que o arquiteto e escultor era também pintor, embora não haja nenhuma obra para constatar esta informação (Sustersic, 1993).

Os jesuítas obtiveram uma grande vitória sobre os guaranis ao conseguir que deixassem as bebedeiras, a antropofagia, a poligamia e a ociosidade, além de instaurar uma moral cristã na comunidade. Todavia, a transformação dos rudes indígenas em sensíveis artistas, atribuída à euforia pedagógica cristã dos jesuítas, apresenta algumas questões como o fato de que a produção artística guarani não iniciou com a chegada dos soldados de Inácio de Loyola, porque isso seria negar a cultura que os guaranis construíram ao longo de milênios.

Considerações finais

Esta investigação não pretende esgotar o assunto da produção artística e das metodologias educacionais utilizadas no cotidiano da redução de San Ignacio Miní, que se constituiu, ao mesmo tempo, num sucesso evangelizador e artístico, por meio da educação dada nas escolas e oficinas, e do insucesso, ao desconsiderar as aptidões e as tradições da população nativa.

Nas reduções jesuíticas, os padres também precisaram se adaptar ao modo de vida dos nativos, deixando de lado alguns padrões trazidos de seus países de origem, transformando os preceitos cristãos identificados na luz, no dramatismo, no movimento e na ornamentação do Barroco num estilo híbrido que se misturava ao românico, ao gótico, ao renascentista, ao manierista e ao autóctone. Eles sofreram um processo de

mestiçagem forçado pelas referências milenares e pelas atitudes de contestação e resistência à invasão evangelizadora reveladora da essência guerreira dos guaranis.

A expansão espacial da missão jesuítica, à semelhança do que ocorreu com os franciscanos, dominicanos e outras ordens, implicou um constante processo de integração da cultura dos guaranis, das instituições imperiais espanholas e da Igreja Católica Apostólica Romana. Ao contrário do que aconteceu na expansão colonial ibérica, o resultado não foi a extinção dos guaranis, mas a mestiçagem e a absorção pela sociedade colonial desses grupos nativos sob a forma de uma interculturalidade progressiva, como acontece nos fenômenos típicos de fronteira.

Lentamente, a população autóctone transformou-se com a influência dos europeus e essas mudanças aparecem no significado da sua produção artística. Revelam o triunfo da cultura guarani, afastando-se do Maneirista e do Barroco, amalgamando o dramatismo e a temática religiosa com o sentido de abstração indígena, com sua estilização geométrica, a originalidade das soluções plásticas e os rasgos autóctones dos guaranis e seu habitat, enfim, marcando um caráter americano definido e completamente diferente do Barroco europeu, ao exibir o que se poderia considerar uma estética missioneira.

Referências

BORTOLINI, Maria Denise. *Entre o temporal e o eterno: corpo e sentidos nas missões jesuíticas do Paraguai - séculos 17 e 18*. Florianópolis: UFSC, 2003. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de guaraníes*. Buenos Aires: Theoria, 1962.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1995.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KERN, Arno. Do pré-urbano ao urbano: a cidade missioneira colonial e seu território. *Cadernos IHU Idéias*, São Leopoldo: Unisinos, v. 5, n. 80, 2007, p. 2-23.

KERN, Arno. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MALDI, Denise. De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos 18 e 19. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 40, n. 2, 1997, p. 183-221. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3235.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2010.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai (séculos 17 e 18)*. Passo Fundo: UPF/Anpuh, 2006.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira. *História e arte guarani: identidade e interculturalidade*. Santa Maria: UFSM, 2004.

PAULA, Alberto. La arquitectura de las misiones del Guayrá. In: GAZANEO, Jorge (ed.). *La herencia de la humanidad: las misiones del Guayrá*. Buenos Aires: Manrique Zago/Unesco, 1993, p. 91-154.

SEPP, Antônio. *Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos* [1698]. São Paulo: Martins, 1943.

SUSTERSIC, Bozidar Darko. Imaginería y patrimonio mueble. In: GAZANEO, Jorge (ed.). *La herencia de la humanidad: las misiones del Guayrá*. Buenos Aires: Manrique Zago/Unesco, 1993, p. 155-186.

TREVISAN, Armindo. Um barroco indígena. In: TAVARES, Eduardo; NARDI FILHO, Hélio; DALTO, Renato. *Missões*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 86-110.

GRACIELA ORMEZZANO é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio pós-doutoral na Universidad Complutense de Madrid. Professora na Universidade de Passo Fundo. Endereço: Rua Ângelo Bortolini, 341 - 99036-661 - Passo Fundo - RS. E-mail: gormezzano@upf.br.

Recebido em 13 de março de 2010.

Aceito em 2 de janeiro de 2011.